

Fé Cristã e Libertação*

A crise das igrejas e das religiões não é uma crise da fé, mas sim da cultura na qual essa fé se exprime.

A fé cristã tem-se expressado durante quase dois milênios, por intermédio de uma cultura profundamente marcada pelo messianismo judaico, a filosofia grega, o autoritarismo da organização imperial romana e, a partir dos últimos cinco séculos, pelo individualismo e positivismo científico e técnico, que caracterizaram o pensamento ocidental depois da Renascença.

Esta contaminação e perversão da fé cristã por uma linguagem, cultura, ideologias que lhe são totalmente estranhas conduziram, através dos séculos, ao questionamento de falsos problemas, tais como os da liberdade e da graça, da responsabilidade do homem e da soberania de Deus. Esses problemas tiveram por característica comum nos dar uma imagem tão pobre do homem e da sua liberdade, uma imagem tão pobre de Deus e de seu poder, a ponto de que tudo que atribuímos ao homem parece vir de Deus, enquanto que tudo que atribuímos a Deus parece vir do homem.

Eu me limitarei a mostrar, primeiramente, em grandes traços, os postulados de nossa civilização atual, depois mostrar a urgência, através das novas carências do nosso tempo, do renovar talvez sem precedentes da fé, a partir das necessidades cotidianas dos homens.

Enfim, adiantar algumas sugestões sobre os meios atuais de libertar a fé, a cultura e a política que daí resultam, para realizar um reencontro inédito da mística e da ação, capazes de fazer da fé a fonte da plena libertação do homem e de todos os homens.

I. *Os Fundamentos da nossa Civilização Atual e as Tentativas das "Novas Teologias" de Falar da Fé de Maneira mais Compreensível, em um Século Tomado por essa Cultura.*

Depois do Renascimento ocidental, que não foi um fenômeno somente cultural mas sim, primeiramente, o nascimento conjunto do capitalismo e do colonialismo, o projeto fundamental das sociedades ocidentais que eu chamarei de projeto Faustiano, referindo-me à fé do Fausto de Marlowe, nascido durante a Renascença, e ao Fausto de Goethe, contemporâneo do grande impulso industrial da Europa e da Revolução Francesa.

Fausto é o paradigma da nossa cultura ocidental. Christopher Marlowe, na sua "Trágica História do Dr. Fausto", escrita no final do século XVI, deu as coordenadas da nova civilização: "Teu cérebro poderoso tornar-se-á um Deus, mestre e senhor de todos os elementos".

Esta seria, com um século de adiantamento, a promessa de Descartes: "Uma Ciência que nos tornará senhores e dominadores da natureza".

Do fim do século XVI ao final do século XX, o desenvolvimento da nossa civilização ocidental foi comandado por esse modelo Faustiano, que eu definiria por três postulados fundamentais:

1.º) *Primeiro postulado: a primazia da ação e do trabalho, como valores fundamentais.*

No seu Fausto, Goethe formulou o seguinte programa: "É por intermédio da atividade constante que o homem se desdobra para atingir sua grandeza".

Todas as revoluções burguesas são impregnadas deste ideal de Fausto: a de Cromwell, a independência americana, bem como a de Robespierre. Puritanos e Jacobinos tiveram como religião o trabalho. Depois dessas revoluções burguesas, nasceu o marxismo, gerado no terreno fértil de Fausto do ocidente.

*Conferência proferida na PUC do Rio de Janeiro no dia 2 de maio de 1978.

"Fausto foi a obra poética preferida de Marx", escreveu W. Liebnicht. Com efeito, Marx deve à filosofia clássica alemã de Kant, Fichte e Hegel, o primado da ação como criação contínua do homem. Da economia política inglesa de Adam Smith e de Ricardo, que não viam no homem senão o trabalhador e o consumidor, ele desenvolveu a tese do valor primeiro do trabalho. Finalmente, ele extraiu de Saint Simon, apóstolo da sociedade industrial, uma verdadeira visão Faustiana do socialismo, a sociedade sendo, essencialmente, uma organização de trabalho. No ocidente, esta exaltação unilateral do trabalho é, ao mesmo tempo, uma concepção burguesa e uma concepção socialista. Até os últimos decênios do século XX, o postulado do primado da ação e do trabalho não foi quase abalado. Somente após 1968, começaram a ser exaltados os valores das festas, os da dança como símbolos do ato de viver, isto significando desabrochar por intermédio de gestos que não sejam utilitários, como os do trabalho, ou protocolares, como os de cortesia, gestos pré-fabricados pela máquina ou pelas convenções sociais, mas por gestos que expressam nossa espontaneidade profunda, como os da poesia, da livre criação e dos jogos.

2.º) *Segundo postulado: o primado da razão, que pode ser formulado da seguinte maneira.*

"A razão pode resolver todos os problemas e os únicos problemas reais são os que a ciência pode resolver".

Esta é a mais característica do grande racionalismo de Spinoza ou de Hegel, no qual a razão resolve mesmo os problemas dos fins, que do pequeno racionalismo, isto é, do positivismo de Auguste Comte, no qual a razão resolve os problemas dos meios, e todo outro problema é teológico, em sentido pejorativo, ou metafísico, igualmente pejorativo, portanto um falso problema. Desse positivismo se originaram cientismo e tecnocracia. A tecnocracia é a atitude pela qual o homem está sempre se perguntando "como" e nunca "porque", o importante são os meios e não os fins. Dentro de tal concepção unidimensional do espírito subjugado pela inteligência, nem o amor, nem a fé, nem a poesia têm vez. É impossível, por exemplo, encontrar ou construir uma estética a partir de Descartes, pois tudo se reduz ao conceito. Mesmo em Hegel, que escreveu a obra estética mais importante dos tempos modernos, o momento artístico como também o religioso, não é mais que provisório; o único momento definitivo é o da filosofia, ou seja, o do conceito. O mesmo se dá com o amor: no "Traite des passions", de Descartes, podemos encontrar uma mecânica das paixões, mas nada que nos faça compreender o que é o amor

como extravasamento de si mesmo, não mais que a poesia ou que a fé que permanecem fiéis às suas origens neste deserto conceitual.

Vivemos um período histórico muito perigoso para nós e para os que nos impõem esta concepção Faustiana do mundo, mas não sabemos nem designar os verdadeiros fins nem determinar os meios.

3.º) *Terceiro postulado*: para designá-lo, usarei uma expressão de Hegel: *primazia do mau infinito*, isto é, um infinito meramente quantitativo.

Exemplificando: por causa deste postulado acreditamos na série de argumentos sobre o crescimento, e sobretudo definimos crescimento como um argumento puramente quantitativo da produção e do consumo. Trata-se do PNB, pelo qual se definiu, mesmo nas Nações Unidas, os vários graus de desenvolvimento dos países. Nossas sociedades funcionam em função deste postulado, como se esse princípio estivesse na base de cada uma de nossas pesquisas ou ações. "Tudo que é tecnicamente possível é desejável e necessário", quer se trate de construir novas armas nucleares mais e mais possantes, ou ir à lua. O brasão de nossa civilização bem podia ser um circuito automobilístico: os carros correndo sempre mais rápido, sem ir a lugar nenhum. Rodando em círculos. Um outro exemplo do postulado do mau infinito: prolongar ao máximo a vida de um ser humano, mesmo que se trate de manter uma vida puramente vegetativa, fazendo do agonizante ao mesmo tempo objeto e vítima de performance terapêutica.

Uma civilização baseada nesses três postulados, que reduz o homem ao trabalho e ao consumo, que subjugua o espírito à inteligência e o infinito ao quantitativo, tal civilização está equipada para o suicídio. Suicídio por *ausência de fins*, comprovado pelo consumo cada vez maior das drogas e pelo número crescente de suicídios de jovens adolescentes, mais numerosos nos países ditos mais desenvolvidos (como Suécia e EUA), ou suicídio *por excesso de meios*, como por exemplo, a perspectiva futura de esgotamento dos recursos naturais e poluição total do meio ambiente, em consequência de uma concepção que só vê a natureza como reservatório ou depósito, e que dispõe de meios para destruí-la.

Em nome desses postulados nossa sociedade funciona segundo a lei do imoralismo dos sofistas atenienses, cuja máxima principal era: "O bem está em ter necessidades, as maiores possíveis e achar meios de satisfazê-las". O funcionamento dos sistemas econômicos e políticos atuais repousa sobre esta perversão fundamental dos objetivos do homem.

Qual pode ter sido a incidência sobre a vida cristã desta que podemos chamar de "religião do crescimento", cuja origem se situa na Renascença, uma época na qual a uma religião que pregava a resignação e a integração do homem na ordem divina, se seguiu uma outra baseada no estímulo dos desejos, e na qual o crescimento tornou-se o Deus escondido, cruel, que exige sacrifícios humanos, e cuja liturgia é a publicidade.

A consequência fundamental foi erguer este novo homem, com sua expansão e ambições herdadas de Prometeu e Fausto, contra as concepções tradicionais de Deus, fundadas sobre a analogia de um rei, de uma lei moral ou de um conceito metafísico: para este homem ambicioso de poder, a religião cristã será sempre um obstáculo maior à sua liberdade.

Contra as velhas tecnocracias Maquiavel proclamava a autonomia dos valores profanos e especialmente a emancipação da política e da moral com relação à religião.

Na França, o século XVIII ligou intimamente a luta pela liberdade e a luta contra a religião, passando a monarquia a ser considerada não mais como de "direito divino" e sim "uma criação dos padres e dos tiranos", como disse o barão d'Holbach.

O século XIX prolongou a batalha política, mas transformou-a em científica: Marx considerou, com justa razão em uma Europa regida pelo espírito da Santa Aliança, a religião como ópio do povo; no momento em que o positivismo de Augusto Comte recusava qualquer legitimidade aos conceitos teológicos ou metafísicos de Deus, em nome do uso exclusivo do pensamento positivo, isto é, cientista e técnico.

Depois de cinco séculos, a teologia abandonou os recuos táticos, os combates de retaguarda, contra as exigências Faustianas da liberdade.

II. *As Novas Necessidades do Homem e da Fé*

De quais necessidades emerge atualmente a exigência da fé?

1.º) Em 1850, na obra "Harmonies économiques", Bastiat anunciava o axioma básico da economia burguesa clássica, fundado no individualismo Faustiano da Renascença, na revolução industrial e nas revoluções burguesas da Inglaterra, América e França: "Se cada um segue seu próprio interesse, o interesse geral será alcançado". Um século de experiências históricas refutou o princípio básico da luta do capital chamado liberalismo. A aplicação desse princípio conduziu a três consequências radicalmente opostas ao

próprio princípio: afastamento crescente entre as classes nos países capitalistas, distanciamento cada vez maior entre os países colonizadores e os colonizados, que se perpetua por intermédio da separação que se acentua entre Norte e Sul; uma política de crescimento cego sem finalidade humana, pelo fato de o crescimento ter se tornado a lei de desenvolvimento de cada empresa, qualquer que seja sua utilidade ou seu malfadado uso social. Dora-vante, o postulado Faustiano do individualismo foi posto fundamentalmente em causa.

2.º) A pretensão do poder total da razão, da ciência e da técnica para melhor organizar a sociedade também está sendo questionada: a tecnocracia capitalista e o pretendido socialismo científico revelaram, por seu desenvolvimento, que a concepção positivista da ciência, que é o postulado implícito tanto em um quanto em outro, e segundo o qual a pergunta eterna é "como" e nunca "porque", a questão dos meios e não dos fins, conduziram à manipulação tanto dos homens quanto da natureza, reduzindo o homem à condição de objeto sujeito à necessidade, à fatalidade de leis imanes. Fez-se assim a abstração da especificidade do homem e de sua transcendência em relação à natureza. O postulado Faustiano do primado da racionalidade científica e técnica, e da concepção do crescimento que daí resulta, foi posto fundamentalmente em causa.

3.º) A concepção individualista da democracia nascida da Revolução Francesa, segundo a qual minha liberdade termina quando começa a do meu vizinho (como se a liberdade alheia fosse limite da minha e não condição) levou a uma política de aberração: os indivíduos (átomos sociais) têm um valor tão-somente quantitativo, e não podem se exprimir a não ser delegando e alienando suas responsabilidades e poderes a um eleito ou dirigente. A concepção Faustiana do quantitativo teve por consequência política formar indivíduos atomizados pelo sistema e massificados pelo condicionamento, e centros dirigentes anônimos, poderosos mas amorfos.

A explosão mais retumbante e a mais significativa aconteceu em 1968 entre os jovens, fossem eles estudantes ou trabalhadores. Não se tratou de uma revolução puramente negativa contra a tecnocracia capitalista ou a burocracia do Estado, contra o modelo de crescimento conhecido a Leste e a Oeste. O movimento, sob a forma utópica, anárquica e caótica, expressou a emergência de possíveis novidades, a aspiração de uma nova fé, que se manifestou depois pela criação de comunidades de base de tipos bem diversos, que se desenvolviam e dissolviam rapidamente, mas protestavam sem cessar. Elas não trouxeram soluções, mas fizeram surgir um problema real: o da criação de um novo tecido social em nossa

sociedade desintegrada pelo individualismo; e a certeza de que uma revolução socialista não será somente o triunfo da justiça, dando a cada um o que lhe é devido (ao escravo o que é do escravo, ao dono o que é do dono, ao patrão o que é do patrão, e ao operário o que é do operário), mas essa revolução será também o triunfo do amor.

O mais notável é que esses jovens experimentaram a necessidade de descobrir esta nova relação entre os homens fora do modelo ocidental, Faustiano. Ao longo da manifestação eles traziam retratos de Che Guevara, Ho Chi Min, Mao e Lumumba, mas nenhum rosto europeu. Fora de nossas sociedades ocidentais que não cessaram de oscilar, depois da Renascença, entre o individualismo digno da selva e o totalitarismo de um formigueiro, eles procuraram novo modelo de comunidade, uma sociedade cujas frases não começassem com "meu" mas sim com "nosso".

A "pequena razão" do positivismo científico não foi menos atacada que o "pequeno meu" da sociedade burguesa. As palavras de ordem como "sejamos razoáveis, peçamos o impossível", ou ainda, "A loucura é a única coisa que impede a razão de apodrecer", que colocaram em causa fundamentos da concepção positivista das ciências ditas humanas e que emprestaram às ciências da natureza os métodos próprios à manipulação do objeto e do homem considerado como objeto, levaram os estudantes a escreverem no frontão da Sorbonne: "Faculdade de Letras e Ciências Inumanas".

Enfim, parecia mesmo a reinvidicação de uma democracia participativa, associativa, que se auto-administra, isto é, baseada na concepção do homem como pessoalmente responsável e criador em todos os níveis da economia, da política e da cultura; sob a forma de conselho — trabalhadores no mesmo nível das empresas, as comunidades de base no mesmo nível dos organismos de controle e de gestão do consumo, dos preços, dos transportes, dos serviços; de centros de iniciativa ao nível da cultura, da educação, dos esportes e das artes.

Todas estas reinvidicações foram finalmente reunidas em um mesmo ato de fé, que o padre Chenu, em sua eterna juventude, assim formulou, em 1975: "O homem se funda no movimento pelo qual ele nega sua individualidade e se abre à comunidade universal".

A partir desse momento, a nossa época passa a questionar os seguintes problemas fundamentais:

Que fé?

Qual socialismo?

1. QUE FÉ?

A crítica radical daqueles que Paul Ricoeur chamava de "mestres da suspeita": Marx, Nietzsche, Freud — prestou o maior serviço à fé cristã alijando o Deus de Constantino e o Deus frígido dos filósofos, bem como o Deus da Santa Aliança, cúmplice de todas as tiranias. Eles propiciaram claramente a renovação do cristianismo.

— Seria bom esclarecer de uma vez por todas que o Deus do teísmo tradicional, concebido à imagem de um rei, de mestre de moral ou de um conceito metafísico, nada tem a ver com a fé cristã: que a fé não impõe previamente a crença em tal Deus do qual Jesus Cristo não seria mais do que uma ilustração histórica.

Não haverá, de agora em diante, um Deus para preencher as lacunas de nossa ciência e consolar-nos de nossas fraquezas.

Desta forma, não é possível confundir a *fé com a ideologia*, isto é, *uma doutrina de justificação da ordem existente*.

A fé não é uma concepção do mundo, mas uma maneira de encará-lo e agir dentro dele.

A fé não pode ser confundida com a crença.

A crença apresenta apenas a questão: é falso ou verdadeiro?

A fé, ao contrário, é uma escolha vital entre a vida e a morte, entre a escravidão e a liberdade:

— ou me abandono às consequências iminentes de minha história pessoal ou social,

— ou me levanto, não aceitando minha vivência e meu passado como um destino ao qual não possa fugir, mas, ao contrário, eu me rebelo, e corro o risco de rasgar novos caminhos.

Não posso falar de Deus tal como é em si mesmo, mas somente do que Ele é em relação a nós: "Tudo que digo de Deus, é um homem que o diz", disse Karl Barth. Não posso conhecer nem dizer de Deus nada além do que nos foi revelado pela Palavra, a vida, a morte e a Ressurreição de Jesus Cristo. Tudo o mais é literatura e mitologia de má qualidade.

Qual é portanto essa fé que Jesus Cristo revela e inspira?

1.º) *A fé é a ruptura da transcendência, é a experiência de ruptura da liberação.*

O que há de mais exaltante e desconcertante nos atos e palavras de Cristo é que Ele não está jamais lá onde o esperamos. Esta-

mos sempre à espera de uma palavra ou de um ato que sejam o prolongamento de nossos instintos biológicos, de nossos desejos e interesses, de nossa história individual, de nossa cultura ou leis. Ora, o traço mais marcante da vida e da morte de Cristo é que eles escapam a todos os condicionamentos biológicos, psicológicos ou sociais. *Trata-se de uma vida sem rotina, onde nada resulta do passado, é toda livre escolha, descarte do egoísmo e do costume, decisão nova, emergência poética do homem.*

Viver, eu não digo segundo *"a lei"* de Jesus Cristo, mas de acordo com que chamaria de *"a poética"* de Cristo, é *tomar consciência* de que minha natureza pode ultrapassar a natureza, *tomar consciência* de que cada um dos meus atos, cada um dos acontecimentos que testemunho, ou do qual participo, que minha vida bem como a sociedade e o momento histórico que vivo, não são elos de uma cadeia de causa e efeito: *eles são o que são em relação ao fim último* com o qual eles devem ser confrontados, o que lhes dá seu significado: é o sentido profundo da anunciação do "Reinado" pelo Cristo.

Não se trata de situar esse "Reinado" em qualquer parte do espaço longínquo ou no futuro, como em qualquer utopia, mas de provar sua breve necessidade como se tudo que eu acreditasse importante no mundo e nas minhas obrigações fosse desaparecer no momento seguinte, e eu tivesse que rever todos os meus julgamentos e comportamentos em função desta realidade mais profunda, mais que eminente, pois que o "Reinado" já existe, dentro e fora de nós. Um Reinado que não tem mais a justiça por lei, mas o amor por princípio.

A fé emerge logo que paro de perguntar "como" e passo ao "porque".

Assim que me interrogo sobre os fins e não somente sobre os meios.

— É a volta à questão fundamental dos meus fins pessoais e sociais.

— Este ato de fé rompe o círculo dos meus hábitos e certezas.

Quando um homem político deixa de se interessar pelos meios de tomar o poder e de conservá-lo, mas começa a questionar os fins da sociedade global e das possibilidades de cada homem de descobrir suas finalidades e a participação efetiva de sua realização, então o político se torna profeta.

Quando o artista deixa de se interessar somente pela afirmação de sua singularidade individual e na organização de sua carreira e sucesso, baseado na virtuosidade técnica, mas, ao contrário, se põe a atentar para tornar-se a consciência de uma comunidade,

logo que faz de sua obra, não o reflexo do real, mas, pelo contrário, pela experimentação das possibilidades ele ajuda a essa comunidade a tomar consciência *de seu projeto*, *de sua esperança*, *de seu futuro*, então o artista *se transforma em criador*.

Quando um amante vive seu amor, não como meio de prender, mas como ato de doação, doação não do *seu* mas de *si*, doar sua vida a ponto de preferir a vida do outro à sua, então ele aprende, como escreveu Ruzbehan de Chiraz: "A decifrar, no livro do amor humano, a linguagem do amor divino". *O amante torna-se místico*.

Mas esta ruptura, esta transcendência ainda não é a fé.

2.º) *A fé é o ato de esvaziar-se.*

É a experiência do vazio, da "noite obscura" de São João da Cruz.

Reduzir ao silêncio os desejos que gritam fortemente dentro de mim; desligar-me das obrigações do meio social; apagar as imagens que me ofuscam sem me aclarar; separar-me de palavras e conceitos destinados a manipular as coisas.

— Este ato de fazer o vazio, de evacuar o "pequeno eu", de esvaziar-se, este ato que os teólogos cristãos chamavam *Kenose*, este ato cujas "quatro verdades santas" de Buda, no Sermão de Benares nos mostraram o caminho, cuja meditação *Za-Zen* nos dá a experiência, este *ato de despojamento* é a única introdução possível ao "*despertar*" *para uma nova vida*. (O nome de Buda significa O Desperto.)

Esta nova vida é o conhecimento de que eu *não* me basto a mim mesmo, que não existo senão em relação a outrem e a todos os outros, segundo a fórmula luminosa de Calisto, pensador bizantino do século XIV: "Amo, logo existo".

Estamos assim bem longe da pobreza cartesiana do "Penso, logo existo", *que reduz o homem unicamente ao indivíduo e o espírito somente à inteligência*.

Um crente muçulmano do século XIII, o xeque Abu Said, descobriu o que ele chamou de segredo de Satan: "Se tu dizes eu, tu te assemelhas a mim".

A experiência fundamental é a da Cruz, que rompe com todas as imagens tradicionais de Deus: *poder, beleza, razão, justiça*.

Reconhecer Deus neste pendurado, fracassado, marginalizado, desesperado, tão fraco por ter sido abandonado pelos homens, uma vez que ninguém esboçou sequer um gesto para defendê-lo e cujos companheiros mais próximos o renegaram, tão fraco a ponto de

ter sido abandonado pelo próprio Pai, que antes do último grito de dor arrancado pela morte fez a última e lancinante pergunta: Porque me abandonaste? Toda experiência da fé é o ensaio de resposta a esta interrogação final e torturante, que permite a cada um:

— viver divinamente sua vida humana, isto é, vivê-la na total responsabilidade de seu próprio destino e de sua própria história?

— o ato de fé não é reflexão sobre a Cruz, é viver a experiência terrível e liberadora da Cruz.

Somente daí em diante começa o novo caminho, a partir da Ressurreição de Cristo. Porque o Cristo não morreu. Foi morto. Os homens preferiram matá-lo e Ele preferiu morrer. E este ato, e esta escolha dão todo o sentido à ressurreição: sua morte não foi natural. Ela é a escolha de uma nova vida. Sua ressurreição não é o retorno a uma vida natural, biológica, mas o começo de uma nova vida.

3.º) *A fé é o ato de acolher esta nova vida, a invasão desta força e dessa alegria.*

A fé é a experiência das origens.

A fé não é a experiência dos meus limites, mas ao contrário, a experiência do poder imprevisível de ultrapassar minhas limitações. Não a experiência de uma falta, *mas a de um acréscimo*. Ela está no centro e não nas fronteiras, como disse Bonhoeffer.

Malraux evoca o momento do ataque; quando o soldado atravessa a defesa, ele já está além de sua própria vida. No livro "l'Espoir" ele escreveu: "o momento em que os mortos começam a cantar".

Talvez seja esta uma forma paradoxal da experiência da graça da Ressurreição.

A transcendência é um dom de outrem, mas não é uma força exterior: Deus não falará jamais se não lhe emprestarmos nossa boca, não agirá se não lhe emprestarmos nossas mãos, mas essa palavra, ou este ato além da Crucificação, não são mais *minha* palavra nem *meu* ato. Eles têm sua semente fora de mim.

Jesus Cristo não é um mágico. Cada vez que o imprevisível e o impossível surgiam, Ele dizia: "Foi tua fé que te salvou".

Ele não ajuda, não salva ninguém do "exterior" como se tira um afogado da água, apesar dele e sem sua ajuda.

Ele nos comunica, pelo contágio do espírito, uma força que passa por mim, sem ter origem em mim.

A Ressurreição de Cristo e a nossa não são um acontecimento biológico ou histórico. É um acontecimento da fé: o nascimento para uma vida nova, que não é mensurável pelo tempo dos relógios ou dos astrônomos. Uma nova vida dominada pela alegre certeza de que não há situação sem saída nem esperança. Ouvimos o apelo da boa nova: tudo é possível e, ao mesmo tempo, recebemos a força de responder a esse apelo, porque Jesus Cristo não vive em nós da mesma maneira como Mozart revive em cada músico que executa ou escuta sua obra.

Ele não é somente lembrança, nostalgia ou esperança, mas força viva.

Então começa para mim a nova vida: aquela radiante pela presença do Espírito, não como uma riqueza que eu possuo da mesma maneira que se possui um tesouro, mas como a possibilidade sempre pronta a me dar forças para ultrapassar todos os meus determinismos, ou também a afastar-se de mim, abandonando-me à deriva.

2. QUAL SOCIALISMO?

Quais podem ser as incidências desta renovação da fé em todos os níveis da vida social, sobre a organização da economia e da cultura de nossa sociedade?

Hoje seria um erro semelhante ao do passado, pretender deduzir dos Evangelhos um programa político à maneira da "*Politique tirée de l'écriture sainte*", de Bossuet, ou uma forma de organização social tantas vezes tentada desde há um século, sob o nome de "Doutrina social da Igreja", se referindo invariavelmente a pretensas "leis naturais" — como por exemplo a da propriedade — que nada têm a ver com a natureza, pois elas são produto da história, nada têm a ver com a fé, que se situa além da natureza e da história.

Não se trata portanto de consagrar hoje as revoluções, os regimes ou os movimentos que dela se prevalecem, como seguidamente no passado foram consagradas as contra-revoluções e os regimes de opressão.

As "teologias de libertação", na América Latina, notadamente a do Pe. Gustavo Gutierrez, tiveram o mérito de realizar uma grande inversão no próprio método da teologia: não partir de textos evangélicos para deles deduzir uma política, mas ao contrário, partir das lutas reais dos homens para sua libertação e daí decifrar seu sentido à luz do Evangelho.

Ele distingue três níveis de liberação:

- 1.º) A luta pela liberdade das classes exploradas e dos povos oprimidos;
- 2.º) A história como movimento de libertação do homem e revolução cultural permanente;
- 3.º) A libertação do homem em face do pecado.

Estes três níveis são estritamente ligados, porque, sublinha Pe. Gutierrez, o pecado não é somente negócio pessoal. Há portanto, como dizia o Papa Pio XI: "Uma dimensão política da caridade". Ora, na América Latina, nos campos e nos casebres dos subúrbios, milhões de homens não têm condições de vida digna do homem: então o homem não pode ser um homem, isto é, um criador à imagem de Deus; nas cidades e nas camadas dirigentes trava-se uma verdadeira guerra de concorrências e de individualismos sedentos de riqueza e poder. Em todas as escalas o homem e a imagem de Deus são ridicularizados e deformados. O homem é privado de suas duas dimensões essenciais, de seus atributos divinos: a criação e o amor.

O Pe. Gutierrez escreveu: Nosso continente vive em permanente estado de "pecado objetivo".

Ora, este "pecado objetivo", este pecado histórico, não existe apenas na América Latina, ele aí avulta por se tratar de países subdesenvolvidos onde grandes massas são condenadas à miséria e as camadas dirigentes estão totalmente integradas no modelo ocidental de crescimento.

Mas todas as nossas sociedades, hoje, por causa do domínio dos EUA e Europa sobre o mundo inteiro vivem sob formas diversas, na mesma situação de "pecado objetivo" histórico.

Todas as nossas sociedades ocidentais, desde a Renascença, não cessaram de oscilar entre o individualismo da selva e o totalitarismo de um formigueiro, e estamos, atualmente, em presença da desintegração do tecido social.

Como recriar um tecido social a partir de uma autêntica renovação da fé?

Repitamos uma vez mais, não se trata de formular um programa político, mas definir as condições humanas da criação de um futuro de feições humanas.

1.º) *Ao nível da economia*, da qual a empresa é a célula base, nossas sociedades não conheceram até agora senão duas formas de empresa: privada e estatal. Nos dois casos, um sistema

hierárquico foi imposto, opondo Estados-Maiores, únicos que têm poder de decisão e uma base confinada unicamente a tarefas de execução, de tal forma que o trabalho, para a grande maioria dos trabalhadores, é mutilado de suas dimensões humanas: a escolha dos fins e a organização dos métodos e dos meios.

A empresa é assim mortífera para cada trabalhador pessoalmente, mas também o é para a sociedade em seu conjunto, porque, cada empresa não tendo outro fim que seu próprio crescimento, a sociedade constituída por tais células de base está voltada, ela própria, a um crescimento cego, anárquico, canceroso, um crescimento sem finalidade humana.

Abordar o mundo econômico do ponto de vista da fé, não é preconizar tal ou tal forma de empresa mas, em nome das próprias exigências humanas e divinas da criação e do amor, nos convidar a uma experiência social excluindo que uma sociedade seja fundada sobre um sistema de concorrência ou de monopólio do qual o individualismo egoísta exclui por princípio a relação do amor.

Não pode haver capitalismo com feição humana. Mas é excluído também todo sistema que se contente em substituir uma hierarquia por outra, mantendo o trabalhador de base na mesma alienação, isto é, o socialismo não pode ser definido apenas *por seus meios*: tais como a socialização dos meios de produção — condição necessária mas não suficiente — mas *por seus fins*, que são, como dizia Marx, a criação de estruturas de economia, de política e de cultura tais que uma criança que traga em si o gênio de Mozart possa se tornar um Mozart.

A experiência social de novos modelos de empresas é tão pouco utópica que já foi preconizada, algumas vezes mesmo aplicada. Sob múltiplas formas o objetivo é o mesmo: criar empresas que não sejam nem privadas nem estatais, mas comunitárias, isto é, onde maiores decisões não partam nem dos grandes capitais nem dos Estados-Maiores políticos. É comunitária uma empresa onde os quatro problemas fundamentais do empreendimento sejam:

- que iremos fazer juntos?
- como vamos organizar o trabalho?
- quem vai dirigir?
- quais as regras que regularão a divisão do fruto do trabalho?

Estas questões são resolvidas pelo conjunto dos que trabalham na empresa.

Experiências desse gênero foram feitas sob formas mais diversas, seja por iniciativa dos trabalhadores ou dos empresários. Tendem todas a definir a empresa não como associação de capitais, alu-

gando trabalho de homens, mas como associação de homens alugando capitais. Tal experiência se coloca em um caminho onde, ao fim, cada um pode se tornar responsável e criador, e cujo princípio de organização não é mais baseado em uma relação de forças, mas em uma comunidade na qual pode nascer um novo tecido social.

Tal concepção de empresa constitui uma forma de transição: não é uma empresa socialista, pois que o capital é retribuído, porém não é o capitalismo clássico, pois que os detentores do capital não têm mais o privilégio de dirigir ou designar os dirigentes.

Passa-se de uma empresa de acionistas a uma de participantes.

O objetivo é portanto criar condições de experiência e de inovações sociais tais que, pouco a pouco, cada trabalhador no seu nível econômico, possa tomar nas mãos seu próprio destino.

2.º) *No nível político*, o problema é análogo: como evitar a ruptura entre os centros de decisão que exercem sua ditadura sobre o país sem controle das massas e essas mesmas massas afastadas de toda responsabilidade e iniciativa próprias.

Isto supõe uma mudança radical na definição de política que é em geral uma arte de reinar, uma arte de atingir o poder e aí se manter. Daí que a política é, antes de tudo, uma reflexão sobre os fins da sociedade global e a operação de métodos que permitam à base elaborar estes fins e de participar em sua realização. O princípio permanece o mesmo, fazer de cada homem um homem, isto é, um criador.

A primeira condição a realizar para facilitar a emergência de uma pluralidade de projetos pelos quais um povo se torna um sujeito criador de sua história, e não um objeto manipulado algures, é que não exista nenhuma exclusividade com respeito a movimentos partidários, sindicais ou dos homens que propõem à nação seu projeto. Nenhum país, nem a Leste nem a Oeste, nem ao Norte, nem ao Sul, pode se vangloriar da democracia mais elementar se não for real esta primeira condição. O critério de julgamento para todo regime é sua desconfiança, ou, ao contrário, sua fé no homem e na semente divina que traz em si.

É próprio das democracias criadas pelas revoluções burguesas, com seu regime parlamentar e seu sistema de partidos, fundar-se sobre a égide da delegação e alienação de poderes. Toda iniciativa de base é assim excluída pelo Parlamento e seus partidos: votem em nós e faremos o resto.

Assim é que em todos os países onde não parte dos dirigentes nenhum projeto além da manutenção e prolongamento do atual

modelo de crescimento, da ordem estabelecida, de um nacionalismo caduco e de uma estratégia nuclear delirante, assiste-se ao bloqueio das instituições.

Para inverter este movimento de confisco das iniciativas da base, o problema é, ainda aqui, no nível político, como no econômico, criar condições de uma experiência permitindo às diversas comunidades voluntárias tomar a direção de seus negócios no bairro, na cidade, em uma região, bem como em uma empresa ou universidade.

No plano político, como no econômico e social, a eliminação progressiva das decisões burocráticas a partir de múltiplas experiências de base, permitirá substituir, cada vez mais, o *legislativo*, imposto do alto, pelo *contratual*, acertado na base.

3.º) *No nível da cultura*, a preocupação da liberdade da qual a fé cristã é a origem, exige igualmente a inversão radical na definição e na meta da educação.

Até aqui, o ensinamento teve por fim principal adaptar a criança ou o estudante às necessidades econômicas e políticas do sistema estabelecido. Ora, na perspectiva aberta pela fé a educação tem por objetivo essencial preparar os jovens para a "*criação do futuro*".

Isto supõe uma mudança radical das estruturas e do conteúdo da educação.

Para não falar, aqui, senão do conteúdo e limitando-nos a enumerar as grandes linhas, diremos que os programas deveriam ser concebidos da seguinte maneira:

— *que a prática das artes e da estética* (isto é, a reflexão sobre o ato criador) seja pelo menos tão importante quanto o ensino das ciências e das técnicas.

— *que a prospectiva* (isto é, a reflexão sobre os fins e o futuro) ocupe tanto espaço quanto a história.

— *enfim e sobretudo que a iniciação às culturas não ocidentais* (culturas da Ásia, do Islã, da África e da América Latina) importe tanto quanto a da cultura ocidental.

Porque é somente por esse Diálogo das Civilizações que podem ser concebidos e vividos, futuramente:

— *Novas relações entre o homem e a natureza*, que não mais reduzam a natureza a mero reservatório e lixeira, que não sejam relações de conquista e sim de amor.

— *Relação entre os homens*, que não mais condene o homem a ser unidimensional (simplesmente produtor e consumidor) e que

recrie o tecido social desintegrado pelo individualismo, e destruído pelo totalitarismo, instaurando uma relação comunitária que é o aspecto social do amor.

— *Relação do homem com seu futuro e com o sagrado que não seja mais simples extrapolação tecnológica, mas emergência poética do homem continuando sua própria criação, e tomando consciência que é sua relação com outrem e com o todo que fazem dele um homem com suas dimensões essenciais, divinas, de criação e amor.*

Tais são, a meu ver, as condições primárias a realizar para articular em um só todo a *fé cristã e a libertação do homem*, e para abrir o caminho a uma política de esperança.